

FORMALIZANDO AS INTUIÇÕES SOBRE O SENTIDO DA VIDA

Rodrigo Cid (mestrando PPGLM/UFRJ)

RESUMO: Quando nos perguntamos sobre o sentido da vida, duas análises são em princípio possíveis: 1. que estejamos perguntando qualquer coisa sobre a *finalidade* ou a *razão de ser* da vida ou de uma vida, ou 2. que estejamos perguntando qualquer coisa sobre o *valor* da vida ou de uma vida. No presente artigo, não abordo 1 nem a vida como um todo, mas tomo as vidas individuais no contexto de 2. Explico brevemente o que seria ter uma concepção objetivista e o que seria ter uma concepção subjetivista do sentido da vida; e, então, tento mostrar como podemos pensar em fórmulas que consigam captar as intuições dessas concepções, sem me comprometer com nenhuma delas. Meu caminho é mostrar que ambas as concepções objetivista e subjetivista pensam o sentido da vida relacionado a projetos ou realizações que fazem cumprir princípios de valor (sendo o valor objetivo ou subjetivo, conforme a concepção adotada), e depois tentar indicar que os projetos ou as realizações da vida de uma pessoa se juntam através de uma soma simples para falarmos do sentido de sua vida. O modo que sugeri de encontrar o valor de uma dessas realizações não me pareceu gerar nenhum problema teórico. Mas a soma simples de realizações (e/ou projetos) para representar o valor do sentido da vida de uma pessoa simplesmente não funcionou. Isso porque parece faltar algum tipo de índice que possa formalizar as relações entre as realizações. Assim, embora não tenhamos conseguido formalizar adequadamente a relação entre realizações na aquisição do sentido da vida de uma pessoa num certo tempo, conseguimos uma boa formalização intuitiva para aquisição do valor de uma realização e esperamos ter iniciado uma investigação interessante para futuros lógicos, metafísicos, matemáticos e teóricos do valor.

ABSTRACT: When we ask ourselves about the meaning of life, two analyses are possible in principle: 1. that we are asking something about the purpose or the reason of being of life or of a life, or 2. that we are asking something the value of life or of a life. At the present article, I do not approach 1 neither the life as a whole, but I take the individual lives in the context of 2. I briefly explain what would be to someone to have an objectivist conception of the meaning of life and what would be to someone to have a subjectivist one; and, then, I try to show how we can think in formulas that can capture the intuitions of those conceptions, without acquiring commitment with none of them. My way is to show that both objectivist and subjectivist conceptions think the meaning of life as related to projects or realizations that fulfill principles of value (the value can be objective or subjective according to the adopted conception), and then I try to indicate that the projects or realizations from a person's life come together through a simple sum to make the meaning of life of such a person's life. The way I suggested for us to find the value of one of those realizations does not seem to present none theoretical problem. But the simple sum of realizations (and/or projects) to represent the value of the meaning of a person's life simply did not work. That's because it seems to lack some kind of index that is able to formalize the relations between realizations. Thus, although we couldn't properly formalize the relation between the realizations that achieve the meaning of someone's life at a certain moment, we get a good intuitive formalization of the value of a realization and we hope to have started an interesting investigation for future logicians, metaphysicians, mathematicians and theorists of value.

Esclarecimentos Iniciais

Há tempos filósofos e não-filósofos vêm se perguntando inúmeras questões

que envolvem o tema *sentido da vida*, como: “A vida tem sentido?”, “Qual o sentido da vida?”, “A minha vida tem sentido?”, “A vida dele tem sentido?”, “Como faço para recuperar o sentido da minha vida?”; e muitas outras semelhantes. Sobre tais tipos de questões, duas análises são em princípio possíveis: 1. que estejamos perguntando qualquer coisa sobre a *finalidade* ou a *razão de ser* da vida ou de uma vida, ou 2. que estejamos perguntando qualquer coisa sobre o *valor* da vida ou de uma vida. Meu escopo neste trabalho será a formalização das intuições sobre os valores do sentido de vidas individuais. Primeiramente, justifico a importância de obtermos uma formalização do sentido da vida, depois apresento as concepções subjetivista e objetivista; e, finalmente, tento mostrar como podemos pensar em fórmulas que consigam captar as intuições dessas concepções.

Justificações para uma Formalização do Sentido da Vida¹

Quando pensamos sobre obter fórmulas para o sentido da vida, perguntamos sobre qual a utilidade de tal programa. Sem uma utilidade teórica importante, simplesmente não há motivos para formalizarmos algo. Pensamos também que obter fórmulas para calcular o sentido da vida pode ter efeitos práticos indesejáveis, pois a comparação interpessoal de valores de sentidos da vida pode levar à crença de que algumas pessoas são superiores a outras. Esses são problemas graves e que tornam a necessidade de justificação patente.

O que queremos alcançar quando formalizamos algo? Vejamos: quando, por exemplo, formalizamos proposições na intenção de construirmos uma lógica, queremos com isso entender as relações entre as proposições no que diz respeito a dedutibilidade. Isso é um objetivo teórico interessante, pois nos provê regras gerais – graças à generalidade que a formalização de proposições e de suas relações provém – de dedutibilidade para tratarmos das relações entre as proposições. E qual a utilidade de uma formalização do sentido da vida? Eu diria que, *mutatis mutandis*, a

¹ Agradeço ao professor Nelson Gonçalves Gomes por questionar a utilidade teórica de um programa de formalização do sentido da vida. Essa questão me fez perceber a necessidade da presente seção neste artigo.

importância é a mesma. Queremos entender, de maneira *geral*, como ocorrem as relações entre os sentidos das vidas das pessoas (ou dos sentidos da vida de uma pessoa no tempo). De acordo com o que um sentido da vida aumenta ou diminui? Não queremos entender como isso ocorre em cada vida particular, mas queremos obter as regras das relações gerais que produzem, aumentam ou diminuem o sentido da vida das pessoas.

De todas as coisas que valem (que têm valor), se há distinções nos valores, ou seja, se todos os valores não são iguais, então haverá entre os valores a relação de maior ou menor. Havendo tal distinção, no que diz respeito ao sentido da vida, sentimos a necessidade de obter uma explicação para ela. Por que algumas vidas têm mais sentido do que outras? Por que a minha vida tem mais sentido atualmente do que em outras épocas? Uma resposta individual, indicando coisas da vida da própria pessoa, pode ser satisfatória para a pessoa analisada, mas certamente não o é filosoficamente. E não é, pois em filosofia queremos antes saber o fundamento do sentido da vida e os critérios que utilizamos para falar do sentido da vida, do que saber quanto é o sentido da vida de um determinado indivíduo. Queremos tais coisas porque temos em mente que não podemos – ou seja, não estamos legitimados filosoficamente – asserir um sentido para a vida de uma pessoa sem sabermos qual o modo geral que se asserem sentidos para as vidas das pessoas em geral. Penso que isso justifica a importância da formalização de tal objeto (o sentido da vida).

A outra razão que me leva a escrever essa justificação são as possíveis consequências práticas desagradáveis de termos fórmulas para calcular os sentidos das vidas das pessoas – como a asserção de superioridade de alguns sobre outros. Penso que essa objeção prática à formalização não é um bom motivo, pois não é necessário e nem mesmo provável que, dado termos fórmulas para calcular o sentido das vidas das pessoas, comecemos a aceitar sem problemas a superioridade de alguns sobre outros. Uma evidência de que não é necessário e nem provável é que já há métodos de medir o valor das vidas das pessoas para casos onde é necessário salvar muitas pessoas e temos que escolher quem salvaremos primeiro. Uma

formalização do sentido da vida proveria algo semelhante, que não precisaria ser usado para fundamentar nenhum tipo de discriminação.

Mais um ponto que devo esclarecer é que as fórmulas aqui encontradas, se estivessem corretas, dependeriam de que uma certa tese fosse aceita, a saber, a tese de que os valores dos sentidos das vidas das pessoas (ou da vida de uma pessoa no tempo) não são todos iguais. Se não aceitamos tal tese, então todas as vidas teriam o mesmo valor de sentido e uma vida teria o mesmo valor durante todos os tempos em que existisse. Ou, pelo menos, só poderíamos falar de perda e ganho de sentido na vida, porém sem nunca falarmos de mais ou menos sentido na vida das pessoas. Se o caso fosse esse, ainda poderíamos formalizar as causas que fazem uma vida ter ou não sentido. Mas a hipótese aqui é de que esse não é o caso. Infelizmente, não tenho tempo ou espaço para defender a tese de que os valores dos sentidos das vidas das pessoas não são todos iguais; a tomo como uma intuição geral e, assim, deixo minhas fórmulas dependentes de uma defesa dessa hipótese.

Cabe aqui também dizer que essas fórmulas, se corretas, talvez nunca venham a ter uma aplicação prática completa. Pois os dados que são exigidos para calcularmos o sentido da vida de uma pessoa são praticamente impossíveis de obtermos. No entanto, isso não será um problema para nós, porque o nosso objetivo é meramente teórico, a saber, é entender a relação geral entre os sentidos das vidas das pessoas e qualquer coisa que seja que causa o aumento ou a diminuição do sentido da vida das pessoas. Este objetivo teórico é mais que suficiente para justificar a investigação de tais fórmulas, já que ele poderia prover os critérios e as causas das modificações nos sentidos das vidas das pessoas, por mais que nunca consigamos aplicar num caso particular tais fórmulas.

A partir, então, da hipótese de que os valores dos sentidos das vidas das pessoas não são todos iguais, há dois modos que podemos ver o sentido da vida, a saber, como algo objetivo ou como algo subjetivo, os quais exporei a seguir.

Subjetivismo e Objetivismo com relação ao Sentido da Vida

Os *subjetivistas*, genericamente falando, defendem que uma vida tem sentido se essa vida tem sentido para a pessoa que a está vivendo (TAYLOR, 1970), e eles podem aceitar que sua vida tenha sentido objetivamente ou não; ou seja, podem aceitar que a vida tenha sentido independentemente do que a própria pessoa pensa ou sente sobre o sentido de sua vida; no entanto, o que realmente conta para saber se uma vida tem sentido é o que a própria pessoa pensa ou sente sobre o sentido de sua vida. Aqueles que, além de afirmar o subjetivismo, negam que haja sentido objetivo podem ser chamados de *subjetivistas radicais*. E aqueles que aceitam que há sentido objetivo, mas negam que ele seja relevante para o sentido da vida de uma pessoa, podem ser chamados de *levemente subjetivistas*.

Os *objetivistas*, genericamente falando, defendem que uma vida tem sentido quando atende a certas condições independentes do sujeito, podendo defender que a vida tem que ter também subjetivamente sentido ou não. Diferentemente do subjetivismo, o objetivismo se divide em três: os *objetivistas radicais*, os *levemente objetivistas* e os *objetivistas-subjetivistas*. Os primeiros, os radicais, não aceitam que exista sentido subjetivo e afirmam que o que dá o sentido da vida de uma pessoa é algo totalmente objetivo. Os levemente objetivistas aceitam que haja sentido subjetivo da vida, mas não acreditam que ele seja relevante para falarmos genuinamente de sentido da vida. Os terceiros, os objetivistas-subjetivistas, como exemplificado por Susan Wolf (1997), são objetivistas que englobam o subjetivismo, indicando que uma vida tem sentido quando há entrega ativa a projetos de valor pela pessoa de cuja vida estamos falando. A parte objetiva aqui seria o valor e a parte subjetiva seria a entrega a projetos de valor.

Em princípio, ainda que saibamos dessas distinções internas do objetivismo e do subjetivismo, vamos falar de ambos como se fossem posições totalmente concisas.

Os subjetivistas, como disse, pensam que uma vida tem sentido quando a pessoa dessa vida sente-se realizada com sua vida, e que uma vida não tem sentido

quando a pessoa sente que as atividades de sua vida não a realizam. Quando eu penso que minha vida não tem sentido, é porque as atividades que realizo não têm valor *para mim* ou têm valor negativo para a minha sensação de realização. Para passar desse estado para o de ter sentido na vida, eu teria que estar fazendo algo que me realiza, através de valorizar positivamente o que eu faço ou de começar a fazer algo que eu valorizo positivamente. Ao realizar, até o ponto em que eu me sinto realizado, atividades que valorizo, *considero minhas atividades* um motivo para viver; o que me faz ter *sentido subjetivo positivo* na vida.

Nesse sentido do “sentido da vida”, um assassino serial poderia sem problemas considerar que sua vida tem sentido. Ele poderia dizer para si mesmo que está eliminando um certo grupo de indivíduos e que ele consideraria isso como uma atividade que realizará algo que ele valoriza (seja a vontade de Deus, seja o expurgar de pecados, seja satisfação pessoal, ou qualquer outra coisa) e como algo que o realiza. Assim, no sentido da vida subjetivo, eu devo valorizar o que faço, mas as realizações não precisam ser as que normalmente consideramos com valor positivo. Um assassino pode muito bem pensar ou sentir que sua vida tem sentido por entregar-se ativamente a atividades que consideramos com valor negativo. O que ocorre é que se ele valorizar subjetivamente positivamente essas atividades, elas o realizarão. O fato de ele estar fazendo algo que o realiza é condição suficiente para a sua vida ter sentido subjetivo positivo.

Mas quando falamos sobre o sentido da vida de modo objetivo, estaríamos perguntando sobre os valores dos projetos ou das realizações da vida de uma pessoa de acordo com um padrão de valores justificável e externo ao sujeito medido. Quando nos perguntamos sobre o sentido objetivo de uma vida, diferentemente da perspectiva subjetivista, não focamos no sentimento de realização que uma atividade causa no agente, mas nos atentamos à própria atividade, observando o que ela pretende realizar ou o que ela realiza. E com relação a esses projetos ou realizações, existem quatro condições que são normalmente usadas para asserirmos o sentido da vida objetivo para uma pessoa: 1. ter projetos ou realizações de alto valor, 2. ter

projetos ou realizações de valor positivo, 3. ter projetos ou realizações de algum valor, 4. realizar atividades que são meios racionais para atingir os próprios fins. Não trabalharemos nem de 3 e nem de 4. Pois 3 toma o sentido da vida como algo que não varia de acordo com o tipo de realizações – o que é contrário à nossa hipótese – e 4 não trata do valor.

Para exemplificar o que estou falando, sobre as condições, parece-me interessante citar a vida de Gandhi. Ao dizermos que sua vida teve sentido na condição 1, o alto valor da realização, seríamos tentados a negar que a vida do senhor Indra, um comum e apolítico agricultor local (de subsistência), tenha sentido, pois as realizações de Gandhi são altamente valorizadas e as realizações de Indra não. Entretanto, nesse sentido de “sentido”, também poderíamos perguntar sobre a vida de Hitler. E deveríamos dizer que sua vida teve sentido pelo fato de ele ter realizado algo importante, embora de valor negativo (como o genocídio de judeus). Após tal realização, coisas mudaram no cenário internacional. Se disséssemos que sua vida não teve sentido, estaríamos falando que sua vida não serviu para nada de importante; o que não é o caso. Essas variações entre as vidas de Gandhi e Hitler podem ser explicadas por meio da distinção entre *sentido positivo* e *sentido negativo*. O sentido negativo ocorre a partir de realizações de valor negativo e o sentido positivo ocorre a partir de realizações de valor positivo. E as realizações negativas são as ações que fazem cumprir princípios negativos, enquanto as realizações positivas são as ações que fazem cumprir princípios positivos

A condição 2 do sentido da vida objetivo é ter na vida o valor das realizações de *valor positivo* em superação ao valor das de valor negativo. Nesse outro sentido de sentido da vida, a vida de Gandhi tem sentido e a de Hitler não. Aqui, pessoas que realizam coisas consideradas de valor positivo, como: curas de doenças, descobertas científicas, proteção do meio ambiente, ajuda aos pobres etc., todas podem ter suas vidas consideradas com sentido, desde que nos valores dos projetos ou das realizações de sua vida o positivo supere o negativo.

Algo que devo deixar claro neste ponto é que não é minha intenção defender

nem que existe um valor objetivo para cada realização que fizermos e nem que não existe um valor objetivo para as realizações. E também não visio defender que o valor seja subjetivo. Quero apenas prover uma abordagem do valor do sentido da vida das pessoas, seja pensado objetivamente ou pensado subjetivamente, onde seja possível a comparação interpessoal e a comparação intrapessoal temporal e que seja compatível com nossas intuições sobre o sentido da vida (pensado como valor, e não como propósito ou razão de ser).

Sentido Potencial e Sentido Real

Neste ponto, cabe definir e distinguir *realização* e *projeto*, para que se torne mais claro o que vem a seguir. Um projeto é um conjunto complexo de atividades envolvidas num propósito. Um *projeto de valor* é um conjunto complexo de atividades envolvidas num propósito de valor (positivo ou negativo). Chamaremos um propósito de valor de *princípio*. Uma realização é a efetivação de um projeto, mas não necessariamente; ou seja, toda efetivação de um projeto é uma realização, mas uma realização é apenas a efetivação de um ato com um propósito. Desse modo, uma *realização de valor* é a efetivação de um ato cujo propósito é um valor (ou um princípio – como se prefira chamar).

Se uma pessoa se dedica a projetos, ela pode conseguir realizar algo com esses projetos ou não, ou seja, um projeto pode ou não levar a alguma realização. E nisso reside a diferença entre sentido potencial e sentido real, entre o que é esperado e o que de fato ocorre. Deixe-me explicar melhor. Quando uma pessoa se dedica a projetos de valor, dizemos que sua vida tem sentido baseados na finalidade do projeto, ou seja, temos uma expectativa sobre o valor da realização do projeto e, daí, asserimos um *sentido potencial objetivo*. Caso ocorra de a realização esperada não se tornar realidade, então o *projeto fracassado* não contribui positivamente para o *sentido real objetivo*.

Essa distinção também se aplica ao subjetivismo. O *sentido potencial subjetivo*

da minha vida é medido por quanto penso que as atividades que faço me realizarão. Se essas atividades não me realizaram o tanto que eu pensei que elas me realizariam, então o sentido potencial subjetivo não corresponderá ao *sentido real subjetivo*. É possível que uma *atividade fracassada* não só não contribua positivamente para o sentido real subjetivo de uma vida, como contribua negativamente.

Calculando o sentido da vida

Até agora falamos de distinções qualitativas (positiva/negativa) e quantitativas (mais/menos) no sentido da vida de uma pessoa. As variações quantitativas sugerem que seja possível pensar em intensidade do valor dos projetos e das realizações e, portanto, do sentido. Tendo em vista essas relações e algumas outras, eu gostaria de propor uma formalização numérica do sentido da vida. Na verdade, as fórmulas que eu irei expor agora não representam perfeitamente o que seria calcular o sentido da vida de uma pessoa, mas pelo menos poderão indicar um caminho a seguir para realizar tal objetivo.

Vimos que o sentido real objetivo varia relativamente ao valor quantitativo e qualitativo das realizações da vida de uma pessoa, e o sentido potencial objetivo de acordo com os projetos. Por isso, para o sentido real objetivo, parece-me que seu valor é a soma dos valores das realizações da vida de uma pessoa; enquanto, para o sentido potencial essa soma se aplica aos projetos junto com as realizações. Assim o sentido potencial engloba o sentido real, pois nossos projetos simplesmente fazem com que possamos ter *mais* sentido na vida do que já temos.

Podemos, então, considerar o *valor do sentido da vida real objetivo* (S_{RO}^V) de uma pessoa igual ao somatório do *valor de cada realização de valor* (R^V_y) *ocorrida na vida de uma pessoa*, desde sua primeira realização de valor (R^V_1), até a sua última realização de valor até o momento (R^V_m), onde “y” é relativo à ordem de ocorrência da realização. Ou seja:

$$S_{RO}^V = (R^{v_1} + R^{v_2} + R^{v_3} + \dots + R^{v_m})$$

Da mesma forma, O *valor do sentido da vida potencial objetivo* (S_{PoO}^V) varia de acordo com o somatório do *valor esperado para cada realização de projetos* (R_{Px}^V) junto com o valor das realizações, onde o "x" representa o número do projeto e só pode ser relativo a um projeto em andamento não realizado. O que podemos formalizar como:

$$S_{PoO}^V = (R^{v_1} + R^{v_2} + R^{v_3} + \dots + R^{v_m} + R_{Po1}^V + R_{Po2}^V + \dots + R_{Pox}^V)$$

ou melhor

$$S_{PoO}^V = S_{RO}^V + (R_{P1}^V + R_{P2}^V + \dots + R_{Pox}^V)$$

Com relação às *realizações de valor*, podemos calculá-las se pensarmos nelas como *atos que fazem cumprir um princípio*, seja esse cumprimento em parte ou inteiro. Dessa forma, podemos calcular o valor do ato se pensarmos em quantos por cento ele se aproxima de fazer cumprir o princípio completamente. Por exemplo: se temos o princípio P^v_z , que indica que "todas as pessoas devem ter alimento", se eu acabar com a fome no mundo, então estarei realizando um "ato de 100% de cumprimento do princípio" ($a^{v_{100}}$), mas se eu der comida para um grupo de mendigos, então estaria realizando um "ato de intensidade baixa", que poderia ser calculado a partir do que seria um cumprimento de 100% do princípio. Digamos que isso seja 1% do cumprimento do princípio, ou seja, (a^{v_1}). Podemos convencionar o valor dos atos com sendo o valor do numerador da porcentagem, formando " $a^{v_{100}} = 100$ ", " $a^{v_{73}} = 73$ " e assim por diante.

Entretanto, o princípio que o ato tenta cumprir não deve ser visto como tendo o mesmo valor que outros princípios. Afinal, cada *princípio* está numa escala, assim como os atos, para o *cumprimento do bem máximo* ou para o *cumprimento do mal máximo*. Esta escala é construída de acordo com o quanto o princípio em causa ajuda a cumprir outros princípios: quanto mais princípios e de maiores níveis um certo

princípio (ou melhor, uma ação que faz cumprir o princípio) ajuda a cumprir, de maior nível ele é. Desta forma, podemos pensar em princípios positivos e princípios negativos, mas não em atos positivos ou negativos. A partir de uma escala de -10 a 10, por exemplo, podemos indicar qual o valor do princípio que rege um determinado ato. E daí, podemos multiplicar o valor do ato pelo valor do princípio, a fim de achar o valor de uma realização:

$$R^v_x = a^v_y \cdot P^v_z$$

No caso do *valor da realização potencial* (valor do projeto), a única coisa diferente que teríamos que fazer seria determinar a *expectativa de o ato ocorrer*, (E):

$$R^v_{Pox} = (a^v_{Poy} \cdot P^v_{-1}) \cdot E$$

Um ponto importante é que não devemos confundir o *ato* (a^v_y) exposto nessas fórmulas com alguma parte da realização; o ato é a própria realização. O que ocorre é que quando calculamos o valor da realização temos que nos atentar às duas partes da realização: a relação entre a intensidade realização em comparação com a completude do princípio e a do princípio em comparação à completude do bem ou do mal máximo.

Com relação ao sentido real subjetivo, como vimos brevemente, ele é medido de acordo com o quanto minha vida me realiza e o sentido potencial subjetivo é medido de acordo com o quanto eu espero que minha vida me realize. Assim, quando a soma dos valores das minhas realizações de valor atinge 100% de um certo ponto de corte (estabelecido subjetivamente), então eu tenho sentido real subjetivo positivo na vida. A capacidade de me sentir realizado com um atividade (ou mais de uma) depende de o quanto eu valorizo o princípio que rege essa atividade e de o quanto penso que essa atividade faz cumprir o princípio. As fórmulas são as mesmas que as do sentido objetivo, mas os valores da intensidade das atividades, do ponto de

corte e dos princípios são subjetivamente escolhidos.

Problemas no cálculo do sentido da vida

Penso que é melhor começar por onde não encontrei erro. A parte que me pareceu se adequar mais às nossas intuições foi a fórmula que indica o caminho para encontrar o valor de uma realização.

Entretanto, montar a fórmula do sentido da vida a partir das realizações não se mostrou uma tarefa fácil. O somatório simples do valor das realizações não representa perfeitamente o valor do sentido da vida. Há um certo caso que poderá deixar isso mais claro. Imaginemos uma pessoa que no somatório de suas realizações obtenha valor zero. Há dois casos onde isso pode ocorrer: quando a pessoa não realizou nada de valor positivo nem de valor negativo ou quando o valor das realizações se anula. No primeiro caso, onde não há realizações de nenhuma qualidade, não parece haver problema para nossas fórmulas. Contudo, no segundo caso, quando valores de realizações se anulam, surge o problema. Quando uma pessoa tem um valor positivo no seu somatório de realizações, e daí faz realizações de mesmo valor só que negativas, intuitivamente não falaríamos que sua vida não teve sentido ou que tem o mesmo valor da vida de uma pessoa que tinha um valor negativo no seu somatório de realizações e depois obteve o mesmo valor só que em realizações positivas. O problema parece advir do fato de que se aceitarmos a minha fórmula para o sentido da vida (ou para as variações *real* e *potencial*), então o zero poderá ter dois significados.

Tentei resolver esse problema multiplicando o índice cronológico das realizações pelo valor das realizações, mas isso não funcionou, pois implicava que quanto mais tarde fizessemos realizações, mais elas valeriam; e isso não parece ser o que ocorre. O que consegui descobrir foi que se tenho um valor e positivo no somatório de realizações e faço uma realização de valor aproximado ao do somatório mas negativa, então a realização negativa ganha força. E se tenho um valor negativo

no somatório, então as próximas realizações positivas perdem força, se alguma não for em algum nível mais alta que a mais alta das realizações negativas. Mas eu não sei expor matematicamente o que é *perder força*.

Por causa disso, um somatório simples do valor das realizações não representa bem o modo de encontrar o valor do sentido de uma vida. Contudo, parece-me ainda que é possível encontrar uma fórmula que se adéqüe às nossas intuições. E essa fórmula parece estar ligada a algum tipo de somatório que se atualize, por meio de algum índice de diferença que leve em conta tanto o tempo, quanto a qualidade da realização adicionada em relação com as realizações anteriores. Entretanto, como disse, não parece haver problemas na formalização da realização de valor como o quanto um ato consegue cumprir um princípio de valor.

Conclusão

Vimos neste texto que as questões sobre o sentido da vida se dividem em dois tipos: as questões sobre a finalidade ou razão de ser da vida ou de uma vida e as questões sobre a relação do valor das realizações ou dos projetos com o valor do sentido da vida. Sobre o primeiro tipo, não pesquisei a resposta, dada a minha investigação se relacionar com o estudo do valor. Sobre o segundo tipo, pudemos perceber que tanto a resposta subjetivista, quanto as respostas objetivistas, eram formalizáveis.

Posteriormente, tentei montar uma forma de calcular o sentido da vida. Para isso, determinei que o valor de uma *realização de valor* é a intensidade que ela faz cumprir um certo princípio multiplicado pelo valor desse princípio, e este é medido quantitativamente numa escala de o quanto ele faz cumprir o bem máximo ou o mal máximo (estes, por sua vez, são o cumprimento completo de todos os princípios positivos ou negativos). Daí, determinei que o valor do sentido objetivo da vida é o somatório dessas realizações de valor. Para o cálculo do sentido potencial mostrei que algumas convenções sobre o cálculo do sentido real poderiam funcionar. Para o

cálculo do sentido subjetivo, precisaríamos somente de considerar o valor como sendo subjetivo.

Infelizmente, posteriormente, pudemos perceber que o somatório simples de realizações para obter o valor do sentido não funcionava, mas que possivelmente, com alguma complementação ou mudança, uma formalização para obter o valor do sentido da vida poderia ser encontrada. O maior problema de formalizarmos valores para o sentido da vida é darmos conta do sentido negativo e darmos conta da adição de uma realização a um sentido da vida anterior – coisa que não conseguimos fazer adequadamente.

Pode-se pensar que este artigo foi um fracasso (ou um projeto fracassado), na medida em que as fórmulas encontradas não representam as nossas intuições sobre o sentido da vida e na medida em que meu objetivo principal ao investigar tal tema era obter fórmulas capazes de representar as nossas intuições sobre o sentido da vida. Eu não penso dessa forma. Pois em filosofia – como me dizia um grande professor que tive, Desidério Murcho – a maior parte das respostas que temos são respostas negativas, ou seja, respostas sobre como as coisas não são ou sobre quais argumentos não funcionam. Este artigo foi um projeto bem sucedido, nesse sentido. Pois descobrimos como não são as fórmulas sobre o sentido da vida e o porquê de elas não funcionarem. Só isso já é um resultado filosófico fantástico do qual eu nunca sentiria como se fosse um fracasso. Assim, como os meus conhecimentos matemáticos não são tão amplos quanto eu gostaria, devo aqui finalizar meu ensaio e deixar o resto das investigações sobre o cálculo do sentido da vida para outro tempo ou para outro cientista matematicamente mais capacitado.

Referências Bibliográficas

BAIER, Kurt. (2000) “O Sentido da Vida”; *Viver Para Quê? Ensaio sobre o Sentido da Vida*. org. Desidério Murcho. Lisboa: Dinalivro, 2009.

MURCHO, Desidério (org.) “Introdução”; *Viver Para Quê? Ensaio sobre o Sentido da Vida*. Lisboa: Dinalivro, 2009.

NAGEL, Thomas. (1971) “O absurdo”; *Viver Para Quê? Ensaio sobre o Sentido da*

Vida. org. Desidério Murcho. Lisboa: Dinalivro, 2009.

RACHELS, James (org.). “A questão da objetividade em ética”; *Ethical Theory 1: the question of objectivity*. tr. Ismael Carvalho. Alabama: OUP, 1998. [encontrado em: http://criticanarede.com/html/fil_objectietica.html – 12/05/2008]

_____. “Haverá provas em ética?”; excertos de *Elementos de Filosofia Moral*; tr. F. J. Azevedo Gonçalves. Lisboa: Gradiva, 2004. [encontrado em: <http://criticanarede.com> – 12/05/2008]

TAYLOR, Richard. (1970) “O Sentido da Vida”; *Viver Para Quê? Ensaio sobre o Sentido da Vida*. org. Desidério Murcho. Lisboa: Dinalivro, 2009.

WOLF, Susan. (1997) “Felicidade e sentido: dois aspectos da vida boa”; *Viver Para Quê? Ensaio sobre o Sentido da Vida*. org. Desidério Murcho. Lisboa: Dinalivro, 2009.